

Quando um ator prescinde de maiores artifícios **“Angústia”, de Daniel Neves, explora o potencial do seu único intérprete**

Por Leidson Ferraz
Crítico convidado

Há atores que conseguem nos transportar para mundos diversos, para temporalidades e espacialidades as mais diferentes, fazendo-nos crer que muitas outras pessoas moram dentro dele e se transfiguram na nossa frente num piscar de olhos. Atores assim são raros porque carregam consigo uma versatilidade vocal e corporal, uma disponibilidade para assumir outros com uma aparente facilidade. No entanto, isso é resultado de muito treino, disciplina e o burilar constante do talento e da própria vocação. Daniel Neves, do Coletivo de Artistas Passarim de Palco, de São José do Rio Preto/SP, pelo pouco que pude apreciar dele em cena, possui algumas das características desse tipo de intérprete versátil. Primeiro encantou-me como palhaço no “Expresso Caracol”, junto à Cia. dos Pés; agora, atuando, dirigindo e sendo o adaptador cênico da obra solo “Angústia”, deu-me a certeza de que potencial para muitos bons atributos não lhe falta. Mas o espetáculo, em seu conjunto, merece reparos.

“Angústia” foi vista por mim na grade do FIT Rio Preto 2025, no aconchegante Teatro Municipal Nelson Castro. A obra é uma adaptação teatral do romance homônimo do grande escritor alagoano Graciliano Ramos. Foi escrita pouco antes do mesmo ser preso, acusado - ainda que não formalmente - de ligações com o Comunismo, fruto de momentos de tensão na vida particular do autor, e revela as reflexões de uma personagem impotente diante do mundo ao seu redor. A narração é espiralar e fragmentária, cheia de digressões inconclusivas, e vem em primeira pessoa contada por Luís, um homem atormentado com o seu emprego, com a sua vida social apática, enfrentando a frustração de ter perdido a mulher que desejou, Marina, para um rival rico e sem escrúpulos, Julião Tavares. O ciúme obsessivo do angustiante protagonista o levará a cometer um crime, o que torna sua existência medíocre ainda mais frustrante.

Diante disso, no palco, o que prometia ser a representação da impotência dá margem para o adaptador do texto, Daniel Neves, com a assistência dramaturgical de Amanda Kristen, brincar com tantos desgostos seguidos, da perda da mãe ainda criança ao atual desejo de poder e não conseguir dormir diante dos seus fantasmas. A patética trama, contada de trás para a frente e em aberto a várias interpretações (seria tudo um devaneio, uma sufocante irreabilidade?), continua a pulsar de insatisfações, mas numa contraditória graça que faz o público rir em vários momentos. Explorando o potencial que possui para a mímica, Daniel Neves também consegue, na atuação, traduzir para o corpo o ritmo apreensivo da personagem, intercalando vários estados emocionais do narrador na condução da sua história, em que muitas outras figuras vão aparecendo. Maleável também na extensão vocal, sabendo transitar do grave ao agudo com facilidade, o ator nos revela o quão plural pode ser em cena, mas falta-lhe o “olhar de fora” que o conduza a uma limpeza maior diante do histrionismo.

As firulas vocais aparecem em excesso, embaralham as diferenças de personagens e, o que é pior, há todo um arcabouço cênico que não contribui com aquele ótimo exercício de ator, incluindo aqui a óbvia cenografia, as sobras de figurinos desordenados que mais atrapalham do que ajudam e os adereços de chapéus, barbas postiças e bonecos (estes reclamam vida). A não ser que tais elementos surjam e desapareçam com bem maior organicidade, tudo ainda se mostra como mera ilustração, inclusive a mala/palco; incluo também o próprio situar-se num batido Nordeste, pois a trama me pareceu poder acontecer em qualquer lugar. Daniel Neves, como intérprete potente, pode sim dar conta de todo aquele enredo e das suas muitas personagens apenas com o corpo e a voz, sem nenhum outro artifício além de uma luz melhor trabalhada, desde que o “olhar de fora” que o acompanha - ele contou com Giovani Milani na assistência de direção - consiga enxugar o que há de dispensável, como um necessário desafio contra redundâncias.

Julho/2025